

QUESTIONAR OU AFIRMAR? EM QUE DEVE SE PAUTAR O PROFESSOR?

Elaine Prodócimo FEF-UNICAMP, NEPICC

“Curiosidade é uma coceira nas idéias” (Ruben Alves)

As crianças são naturalmente curiosas, querem saber, perguntam, e adentram o recinto escolar com este “terrível defeito”: questionar. É óbvio que esta atitude não se constitui em defeito, mas em virtude, porém, a forma como nossa educação trata desta questão nos faz imaginar o contrário. É errado perguntar? Ser curioso? Questionar? A criança não aprende mais quando está curiosa pelo conhecimento? Quando sente necessidade de saber? Por que nossa educação, então, transforma estas dúvidas em certezas, podendo a curiosidade dos alunos? A forma como ensinamos com certeza influencia na forma como os alunos aprendem: apresentamos sentenças prontas, respostas “mastigadas”, soluções para problemas que nem mesmo existiram. Que tipo de sujeitos estamos formando com esta atitude? Diante de tantos questionamentos, assumi o objetivo de levantar teorias que apontam para forma de ensino pautada em situações-problema. Para tanto, realizei uma revisão bibliográfica sobre o assunto, pautando-me em autores como Vygotsky, Piaget e Mosston.

Visão dos autores

Autores das mais diversas linhas de estudo tem enfatizado a importância da problematização como forma de levar o aluno ao aprendizado e ao desenvolvimento de seu potencial cognitivo. O objetivo deste ensaio é levantar teorias que se apontam para forma de ensino pautadas em situações-problema para estimular a inteligência do ser humano e aproximar estas teorias do universo da educação física.

A fim de esclarecer esta afirmação, clareando minhas concepções, inicio pela descrição de aprendizado e desenvolvimento, pautando-me na teoria de Vygotsky (1998), para quem, estes dois aspectos estão relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.

Vygotsky (1998) descreve dois níveis de desenvolvimento no ser humano: *o nível de desenvolvimento real*, que é definido como “*o nível de desenvolvimento das funções mentais da criança que se estabeleceram como resultado de certos ciclos de desenvolvimento já completados*” (p. 111, grifo do autor), ou seja, aquilo que a criança é

capaz de fazer de forma independente, por si mesma; e a *Zona de Desenvolvimento Proximal*, que é a

“distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes” (p. 112, grifo do autor),

ou seja, o que a criança é capaz de resolver baseando-se em pistas ou dicas de outras pessoas.

Para este autor, o aprendizado cria a Zona de Desenvolvimento Proximal, em suas palavras:

“desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições de desenvolvimento independente da criança” (p. 117-118)

O aprendizado leva, então, ao desenvolvimento. Vygotsky propõe que, para que esses processos ocorram, atividades com dificuldades variadas devem ser propostas, e refere-se a forma como elas, as crianças, buscam resolver esses problemas. Levantamos, assim, uma característica das *situações problemas*: o professor propõe uma atividade cuja resposta deve ser apresentada pela criança.

Piaget (1983), psicólogo estudioso da cognição, embora divergindo de Vygotsky em sua teoria sobre desenvolvimento e aprendizado, também refere-se as dificuldades que o ambiente apresenta como forma de estímulo à inteligência. A construção da inteligência se dá, para este autor, por dois processos aos quais denomina: *assimilação* (pelo qual a pessoa assimila dados da realidade a esquemas mentais que já possui) e *acomodação* (quando há a formação de novo esquema mental para incorporação de informação nova que não se adequa aos esquemas já existentes). Esses dois processos ocorrem diante de situações problemáticas do ambiente, que levam o indivíduo ao desequilíbrio e a busca de equilíbrio.

Ao professor cabe, dessa forma, a tarefa de propor problemas aos alunos, para que eles possam inventar respostas; o professor não deve ensinar soluções prontas.

Para caracterizar problema, Saviani (1982) faz uma distinção entre outros termos que freqüentemente são utilizados como sinônimos: *questão*, em alguns contextos, qualquer indagação é considerada problema, mas este termo não reflete o conceito aqui tratado pois nem toda pergunta constitui-se em problema, aquelas cuja resposta já se sabe não

apresentam-se dessa forma, e aquelas que não se tem interesse em saber também não; *desconhecido*, nem sempre o desconhecimento de algo reflete-se como algo problemático; *mistério*, para o autor, esta é mais uma questão de fé, diante de algo que não se tem explicação, resolve-se com a fé no misterioso, no inexplicável; *dificuldade*, não é o grau de dificuldade que caracteriza algo como problemático; *dúvida* também não pode ser considerada como problema, pois apresenta-se com a existência de duas hipóteses válidas porém excludentes, o que não indica problema.

Após esta explanação do que não é problema, o autor apresenta a essência do problema: a necessidade; “*trata-se de uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente*” (p.23).

Rubem Alves (2000) também analisa a importância do problema para a ciência, a educação formal e a vida cotidiana. Ele afirma que “*o que não é problema não é pensado*” e completa “*todo pensamento começa com um problema*” (p.24)

Este autor comenta situação muito comum no nosso ensino, embora se refira ao estudo da ciência, podemos sem nenhuma dificuldade ultrapassar sua observação para outras áreas:

“Não é curioso que nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? (...) Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno” (p. 24-25).

Levanto, então, algumas características de *problema* a serem consideradas na prática pedagógica:

- problema caracteriza-se por situação cuja resposta não se apresenta claramente e que deve buscada pelo sujeito;
- deve apresentar graus de dificuldade variados, pois diferentes são as capacidades dos alunos e, como afirma Rubem Alves (2000, p. 31) “*só nos entregamos a problemas que julgamos poder resolver com os recursos de que dispomos*”. Um problema muito fácil não se caracteriza como problema como já vimos pela afirmação de Saviani (1982), também algo muito complexo, que fuja da capacidade do aluno pode não ser motivante;
- o assunto deve ser interessante ao aluno. Segundo Polya (apud Rubem Alves, 200, p. 35)

“é tolo tentar responder uma questão que você não entende. É triste ter de trabalhar para um fim que você não deseja. Coisas tristes e tolas como estas frequentemente

acontecem, dentro e fora da escola, mas o professor deve evitar que ocorram em classe. O estudante deve entender o problema. Mas não basta que ele o entenda. É necessário que ele deseje sua solução” (grifo do autor);

- o professor deve atuar como orientador/mediador na busca da solução.

Mosston (1978) apresentou em sua obra o método chamado por ele de Descoberta Orientada que corresponderia a situação-problema aqui proposta, e sobre o papel do professor, o autor levanta alguns pontos importantes:

- é necessário ajustes lingüísticos por parte do professor, utilizando frases que interroguem ao invés de sentenças autoritárias;
- o professor deve ter paciência e tranquilidade para estimular o aluno a questionar, a contestar.

O mesmo autor levanta também três variáveis para este método de ensino: Variável I o professor deve fixar seqüência de etapas. O professor deve antecipar situações/respostas, pois, se as respostas se distanciarem do foco, ele deve estar preparado para redirecionar o questionamento; Variável II o professor não dá a resposta, mas espera que o aluno responda, se a resposta for “incorreta” cabe ao professor incentivar o aluno a refletir mais sobre a questão, isto desenvolve o processo cognitivo e de aprendizagem emocional; Variável III o êxito do aluno permite evoluir o grau de aprendizado e desenvolvimento, professor deve estimular o aluno.

Considerações Finais

Esta forma de conduzir o processo permitirá ao aluno perceber-se como sujeito ativo em seu aprendizado e estimulará sua característica de questionador, tornando-o um sujeito autônomo em seu próprio crescimento intelectual, não apenas na área da educação física mas em todas as áreas do conhecimento.

Referências Bibliográficas

- ALVES, R. **Filosofia da Ciência: Introdução ao Jogo e a suas Regras**. São Paulo: Edições Loyola, 2000. 2ª edição.
- MOSSTON, M. **La Enseñanza de la educación física**. Del Comando al Descubrimiento. Buenos Aires: Paidós, 1978.
- PIAGET, J. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. 2ª edição

SAVIANI, D. **Educação: do Senso Comum à Consciência Filosófica**. São Paulo: Cortez editora: Autores Associados, 1982.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 6ª edição.